

# GÊNESES INSURGENTES: PERSPECTIVAS ANTROPOLÓGICAS SOBRE DEFICIÊNCIA FÍSICA, VIVACIDADES E VOLÚPIAS NAS NOITES CURITIBANAS<sup>1</sup>

*Deiler Raphael Souza de Lima (UFPR)<sup>2</sup>*

*José Ricardo Pacheco (PUCPR)<sup>3</sup>*

*Cláudia Liliane Viana (PUCPR)<sup>4</sup>*

## RESUMO

Este artigo decorre de uma etnografia realizada entre os meses de setembro de 2018 e março de 2019, delimitada pelo acompanhamento de um rapaz com deficiência física, em estabelecimentos de lazer noturnos, especificamente, três casas noturnas da cidade de Curitiba-PR. A priori, tendo como objetivo, compreender como se dá o usufruto de sua vida social, bem como, as relações de sociabilidades e entrelaçamentos que se estabelecem *com e nesses* ambientes. Em síntese, entende-se que, esses estabelecimentos, denotam para uma circularidade assídua de seus frequentadores, de modo que, a permanência do interlocutor no local, reverbera uma intersecção entre o usufruto da vida social e as garantias e efetivações de Políticas Públicas, que, possibilitem a participação e contribuam para a inclusão de pessoas com deficiência em estabelecimentos de lazer públicos e privados. Isso porque, o Direito Social ao Lazer está salvaguardado sob a égide dos Direitos Humanos. Nesse sentido, o que se almeja, ainda que, de maneira sucinta, é a construção de uma política emancipatória e/ou uma “Cultura dos Direitos Humanos” efetiva, que, para além do diálogo intercultural – seja entre sociedades distintas ou em sua própria – não avenge para *Universalismos a priori*, mas que, garanta a existência da multiplicidade humana, o que, inclui, as subjetividades e intersubjetividades de seus constituintes. Por sua vez, no que se refere as pessoas com deficiências, corresponde as guias para experenciação de suas corporeidades com os ambientes, isto é, a postulação do direito de ser diferente, o que corrobora para avultar as potencialidades humanas, em suas profundas formas de Ser/Estar e Habitar o mundo.

**Palavras-chave:** Deficiência física; Lazer; Direitos Humanos.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

<sup>2</sup> Graduado em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Mestre em Direitos Humanos e Políticas Públicas pelo Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos e Políticas Públicas - PPGDH-PUCPR. Doutorando em Antropologia e Arqueologia do Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal do Paraná – PPGAA-UFPR. E-mail: deilersouza91@hotmail.com.

<sup>3</sup> Graduado em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Pós-Graduado na Especialização em Antropologia Cultural pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). E-mail: joseriocardopacheco@hotmail.com.

<sup>4</sup> Graduada em Serviço Social pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI). Pós-Graduada na Especialização em Antropologia Cultural pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Mestra em Direitos Humanos e Políticas Públicas pelo Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos e Políticas Públicas - PPGDH-PUCPR. E-mail: claudiavianafw@hotmail.com.

## SUBSCRIÇÕES DO DEVIR

“Sou uma pessoa como qualquer outra, a única diferença é que eu caminho a partir de uma cadeira de rodas”. (Xavier).

Este artigo decorre de minha dissertação<sup>5</sup> de Mestrado, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos e Políticas Públicas - PPGDH-PUCPR. Apresentada no primeiro semestre de 2020, constituiu-se a partir uma etnografia realizada entre os meses de setembro de 2018 e março de 2019, delineada a partir do acompanhamento de Xavier<sup>6</sup>, um rapaz com deficiência física, em estabelecimentos de lazer noturnos, especificamente, três casas noturnas da cidade de Curitiba-PR. A priori, tendo como objetivo, compreender como se dá o usufruto<sup>7</sup> de sua vida social<sup>8</sup>, bem como, as relações de sociabilidades e entrelaçamentos que se estabelecem *com e nesses* ambientes<sup>9</sup>.

Considerando as bases constitutivas que circundam os estudos sobre Deficiência<sup>10</sup> (Disability studies), dentre as quais, reverberam multiplicidades, tais como: construções de identidades, percepções e corpos, considera-se pertinente, primeiramente, elucidar a experiência de Xavier em relação à deficiência física e, por conseguinte, desvelar as confluências e dissidências acerca de seu modo de *Ser/Estar*<sup>11</sup> e *Habitar*<sup>12</sup> o mundo.

Xavier, é um homem jovem, na época com 25 anos de idade. Cadeirante, após um Acidente Vascular Cerebral (AVC), ocorrido em 2015, enquanto morava em São Paulo

---

<sup>5</sup> Para uma leitura pormenorizada, vide Lima (2020). Disponível em: < <https://pergamum-biblioteca.pucpr.br/acervo/353037> >. Acesso em: 10 jun 2022.

<sup>6</sup> Serão atribuídos nomes fictícios aos participantes, tendo em vista, a preservação da confidencialidade de suas identidades. Xavier é um homem jovem, com 25 anos, pardo, magro, de estatura mediana (aproximadamente 1,70 de altura), olhos castanhos, cabelo curto e escuro. Natural e residente da cidade de Curitiba, é estudante de Psicologia, além de, militante político de movimentos sociais referente a Políticas Públicas, inclusão social e mobilidade urbana, bem como, temas relacionados à saúde mental e defesa da luta antimanicomial.

<sup>7</sup> Neste trabalho, o termo usufruto refere-se às experiências do interlocutor nos estabelecimentos de lazer noturnos frequentados.

<sup>8</sup> Remete à concepção apresentada por Tim Ingold (2008 e 2015a), de que a vida é um composto entre entidade biológica e material. Assim, o ser humano coloca-se como “um centro de ação, consciência, no qual os seus processos têm ressonâncias com os processos do entorno”. (INGOLD, 2008:22, tradução nossa). Ao passo que, devido aos entrelaçamentos por meio do campo relacional, para Ingold (2015a:32), não há como “distinguir a vida orgânica e a vida social”, pois, a vida orgânica é social.

<sup>9</sup> Por *ambiente*, Ingold (2015a:120), considera como “um domínio de emaranhamento. É dentro desse emaranhamento de trilhas entrelaçadas, continuamente se emaranhando aqui e se desemaranhando ali, que os seres crescem ou “emanam” ao longo das linhas das suas relações”.

<sup>10</sup> De acordo Diniz (2012:70), as deficiências são designadas como identidades ou estilos de vida, porém, isso não significa tentar igualá-la a outros estilos, pois, “diferentemente de outros modos de vida, a deficiência reclama o “direito de estar no mundo”.

<sup>11</sup> Menção às contribuições de Csordas (2008).

<sup>12</sup> Formas de produções de histórias e caminhos trilhados por esses seres vivos ao longo da vida. Para uma leitura pormenorizada, vide Ingold (2000 e 2015a).

(SP), devido ao uso de substâncias químicas (cocaína e um baseado mesclado – maconha e crack), ocasionando uma lesão no cerebelo. Resultando em implicações fonéticas<sup>13</sup> (dificuldade de fala) e, principalmente, motoras, que influenciam na manutenção da coordenação e equilíbrio. Portanto, Xavier, executa os movimentos de caminhada e/ou marcha, porém, sem firmeza nos membros inferiores, de modo que, a locomoção é realizada somente mediante um apoio e/ou suporte – em decorrência disso, utiliza a cadeira de rodas.

De acordo com os registros e laudos técnicos (CID<sup>14</sup>) – que “atestam e classificam” sua lesão e condição clínica – o diagnóstico da lesão de Xavier, orienta-se a partir da CID 10 – G93.1 (*Lesão encefálica anóxica*), atestando que:

Devido a Encefalopatia Hipóxico-isquêmica ocorrido em fevereiro de 2015. Embora apresente melhora dos déficits, ainda não consegue deambular sem apoio ou subir escadas sem ajuda Barthel<sup>15</sup> 75. Apresenta grande comprometimento da função cerebelar com incoordenação motora que o impede de deambular e que altera inclusive a vocalização. (Atestado disponibilizado pelo interlocutor, 2020).

Conforme declara a OMS<sup>16</sup>, os quadros de AVC suscitam em desenvolvimento rápido dos sintomas, que tem duração igual ou superior a 24 horas e que provoca implicações tanto cognitivas, quanto sensório-motoras. Como argumenta Kim (2013:126), “dependendo do tempo e da área cerebral sem oxigenação, o AVC pode provocar perda irreversível de funções cerebrais, resultando em morte ou sequelas, dentre as quais são muito comuns a paralisia e a paresia<sup>17</sup> tipicamente assimétricas”. Em suma, considerando os diagnósticos e relatórios clínicos e transpondo para uma definição coloquial, pode-se inferir que, devido a lesão encefálica e comprometimento de algumas

---

<sup>13</sup> “Constata-se a existência de alterações fonéticas quando existem erros motores permanentes na pronúncia (aspectos articulatórios)”. (LIMA, 2008:150).

<sup>14</sup> Desenvolvida pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em 1990, sua versão atual é a CID-10, considerada como a Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde.

<sup>15</sup> O Índice de Barthel “pertence ao campo de avaliação das atividades da vida diária (AVDs) e mede a independência funcional no cuidado pessoal, mobilidade, locomoção e eliminações. Cada item é pontuado de acordo com o desempenho do paciente em realizar tarefas sendo de forma independente, dependente ou com alguma ajuda”. (SOUZA *et al.*, 2013:25).

<sup>16</sup> Diretrizes de atenção à reabilitação da pessoa com Acidente Vascular Cerebral. (BRASIL, 2013).

<sup>17</sup> A *Paresia* representa a perda de parte da motricidade de um ou mais músculos do corpo, de forma temporária ou permanente. Ao contrário da paralisia, que é uma perda total da motricidade, a paresia causa apenas limitação, fazendo com que alguns movimentos não sejam realizados corretamente. O paciente também apresenta perda de força muscular. A paresia pode ser consequência de um problema nos motoneurônios, cuja função é transmitir a ordem de comando motor para o corpo. A causa da paresia também pode estar localizada no sistema nervoso central, seja por problema estrutural do cérebro ou da medula espinhal. A paresia pode afetar um único lado do corpo (hemiparesia) ou os membros inferiores (paraparesia). Disponível em: < <https://saude.ccm.net/faq/1573-paresia-definicao> >. Acesso em 10 jun 2022. Para mais informações, vide Camargo (1975) e Teixeira (2010).

funções no cerebelo, além das implicações na fala, Xavier apresenta uma *paresia*. O que, por sua vez, desvela o fato da permanência dos movimentos dos membros inferiores, porém, sem a firmeza e equilíbrio para caminhar sem o auxílio de algum equipamento assistivo.

## DEFICIÊNCIA FÍSICA: EXPERIÊNCIAS E REMINISCÊNCIAS

Tabela 1 – Tabela comparativa entre os dados sobre deficiência nos Censos de 2000 e 2010 do IBGE

Censo 2000			Censo 2010		
Descrição da categoria	População	%	Descrição da categoria	População	%
Deficiência física – tetraplegia, paraplegia ou hemiplegia permanente	937.463	0,55%			
Deficiência física – falta de membro ou de parte dele (braço, mão, pé ou dedo polegar)	478.597	0,28%			
Deficiência visual – incapaz, com alguma ou grande dificuldade permanente de enxergar	16.644.842	9,80%	Deficiência visual – não consegue de modo algum	506.377	0,27%
			Deficiência visual – grande dificuldade	6.056.533	3,18%
			Deficiência visual – alguma dificuldade	29.211.482	15,31%
			(Total deficiência visual)	35.774.392	18,75%
			Deficiência auditiva – não consegue de modo algum	344.206	0,18%
			Deficiência auditiva – grande dificuldade	1.798.967	0,94%
			Deficiência auditiva – alguma dificuldade	7.574.145	3,97%
Deficiência auditiva – incapaz, com alguma ou grande dificuldade permanente de ouvir	5.735.099	3,38%	(Total deficiência auditiva)	9.717.318	5,09%
			Deficiência motora – não consegue de modo algum	734.421	0,39%
			Deficiência motora – grande dificuldade	3.698.929	1,94%
			Deficiência motora – alguma dificuldade	8.832.249	4,63%
Deficiência motora – incapaz, com alguma ou grande dificuldade permanente de caminhar ou subir escadas	7.939.784	4,67%	(Total deficiência motora)	13.265.599	6,95%
Deficiência mental permanente	2.844.937	1,67%		2.611.536	1,37%
Pelo menos uma das deficiências enumeradas	24.600.256	14,48%	Pelo menos uma das deficiências investigadas	45.606.048	23,91%

Fonte: Kim (2013:263).

No início dos anos 2000, o Brasil, a partir o *Decreto-Lei n° 5.296/2004*, classificava a deficiência em cinco categorias, sendo: deficiência física, auditiva, visual, mental e múltipla. Dentre as categorias, a deficiência física designa-se como:

Alteração completa ou parcial de um ou mais segmentos do corpo humano, acarretando o comprometimento da função física, apresentando-se sob a forma de paraplegia, paraparesia, monoplegia, monoparesia, tetraplegia, tetraparesia, triplegia, triparesia, hemiplegia, hemiparesia, ostomia, amputação ou ausência de membro, paralisia cerebral, nanismo, membros com deformidade congênita ou adquirida, exceto as deformidades estéticas e as que não produzam dificuldades para o desempenho de funções. (BRASIL, 2004).

Essa definição, apesar ampla e anterior a *Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência*, aproximava-se das concepções estabelecidas a partir sanção da Legislação e/ou tratado, ao qual como referido o Brasil é signatário. Ao passo que, com a vigência do tratado, o Decreto, bem como, as leis e políticas posteriores em conformidade com a *Convenção da Organização das Nações Unidas (ONU)* incorporam suas prerrogativas.

Em suma, adoção de tais normativas a partir da convenção reverberou em alterações nos índices nacionais das Pessoas com Deficiências (PCDs) – especificamente as físicas – como apresentados pelos censos (tabela 1), o que nas palavras de Kim (2013:263), significa dizer que:

Há uma incompatibilidade entre as categorias usadas em um e em outro censo: nos dados disponibilizados do Censo 2010 não existem mais as categorias de deficiência física (“hemiplegia, paraplegia ou tetraplegia” e amputação) e as demais categorias foram subdivididas em três níveis, o que impossibilita a análise comparativa com o Censo anterior.

Nesse sentido, a exclusão das categorias definidoras da deficiência física e a permanência no *Censo* 2010 de uma categoria ampla como deficiência motora, apesar de ampliar os números dessa população, concomitantemente, ocasiona indefinições. Primeiro, porque dissocia as especificidades da deficiência física. Segundo, não há justificativa ou explicação metodológica se as categorias dissociadas foram ou não contempladas e/ou incorporadas como deficiência motora. Para Kim (2013), tais verificações denotam para a invisibilidade da deficiência física, principalmente, porque para o IBGE, a deficiência motora não inclui a *amputação* e a *paralisia* dos membros superiores.

Contudo, essa normativa sucumbe um dos principais determinantes para deficiência física, a *paralisia*. Que seja em decorrência de lesões medulares ou neurológicas, como o AVC, representam o equivalente a 52%<sup>18</sup> dos casos de deficiência física no mundo.

A deficiência física como preconiza a literatura, conflui a “denominadores” comuns, dentre os quais o antropólogo e deficiente físico Robert Murphy (1990:04, tradução nossa), exemplifica como decorrentes de “trauma ou doença na medula espinhal, dano cerebral, derrame, poliomielite, espinha bífida, distrofia muscular, esclerose múltipla, paralisia cerebral”. Assim como, os demais teóricos do Modelo social, Murphy contribuiu para os *Disability studies* a partir de sua própria experiência com a deficiência física, isto é, a *paralisia*.

Considerado como um quadro de tetraplegia, com referência à perda das funções e/ou movimentos de todos os membros, atingindo desde os membros inferiores até o pescoço, Murphy, utilizava cadeira de rodas integralmente as atividades diárias. Sobre esse dispositivo Kim (2013:122), explica que “apesar de ser um equipamento usado para

---

<sup>18</sup> A Christopher & Dana Reeve Foundation, “com base em 5.596.000 casos, observa que mais da metade dos casos de paralisia são causados por lesão medular (23%) e acidente vascular cerebral [stroke] (29%)”. (CHRISTOPHER & DANA REEVE FOUNDATION *apud* KIM, 2013:123).

a locomoção de qualquer pessoa com grande dificuldade ou impossibilidade de andar, a cadeira de rodas tornou-se praticamente uma metáfora visual da paralisia”, o que, por conseguinte, designa os usuários como *cadeirantes*. Conduzida por essa atribuição Kim (2013:122), elucida que “a imagem de um *cadeirante* estilizado – criada por Susanne Koefed em 1968 para a Rehabilitation International – tornou-se a sinalização padrão de equipamentos e ambientes adaptados para a deficiência física”, sendo considerado pela ONU (BRASIL, 2005:144), como o *Símbolo Internacional de Acesso (SIA)*<sup>19</sup>. Apesar remeter a um “certo determinismo e/ou normatização” se comparado aos demais “difusores” imbricados à amplitude das deficiências e, principalmente, da deficiência física, a cadeira de rodas transpôs de um equipamento assistivo, para uma característica da identidade das pessoas com deficiência física<sup>20</sup>, sobretudo, aquelas com *paralisia e paresia*.

O deficiente físico, compreendido nesse trabalho, a partir da *paralisia e/ou paresia*, ao ser designado como *cadeirante*, denota não só para a alteração ou ausência dos movimentos dos membros, mas sim, para uma outra maneira de *Ser e Estar* no mundo, o que nas palavras de Murphy (1990:178, tradução nossa), significa dizer que “ao observador casual, pode parecer que a paralisia dos membros é a principal aflição do cadeirante. Isso, contudo, é apenas a ponta do iceberg”. Tal declaração coaduna com as considerações de Fremlin (2011:05), ao ressaltar que:

Usar cadeira de rodas ou muletas implica, entre outras coisas, conjunções com chãos, calçadas, ônibus, degraus e entradas de prédios. Temos que examinar tanto os objetos particulares de uma pessoa, quanto temos que examinar “objetos” em sentido mais amplo de construções materiais móveis e imóveis.

Tais conjunções, remetem a experiência de cada pessoa mediante a deficiência e circundam os entrelaçamentos entre os corpos e os ambientes. Nesse sentido, como suscita Leandro (2019), as pessoas com deficiência apresentam-se como agentes constituídos socialmente por sua subjetividade e experiência corporal, marcada *no e pelo* corpo.

## **“FUZARCAS” LUCÍFUGAS!!**

Na cidade de Curitiba-PR, local de realização da pesquisa, os estabelecimentos de lazer noturnos, especificamente, os bares e casas noturnas são alguns dos principais

---

<sup>19</sup> Figura do Símbolo Internacional de Acesso (SIA). (ABNT, 2015, p. 39). Disponível em: < <https://www.mdh.gov.br/biblioteca/pessoa-com-deficiencia/acessibilidade-a-edificacoes-mobiliario-espacos-e-equipamentos-urbanos/view> >. Acesso em: 10 jun 2022.

<sup>20</sup> Característica das pessoas com deficiência física. Dia do deficiente físico – 11/10. < <http://bvsm.s.saude.gov.br/ultimas-noticias/2524-11-10-dia-do-deficiente-fisico> >. Acesso em: 10 jun 2022.

ambientes de sociabilidades, frequentados pelo público de jovens-adultos. E, que, apesar de estarem distribuídos em diferentes localidades pela cidade, organizam-se em um circuito<sup>21</sup> de lazer urbano, de modo que, os mais populares e eminentes, concentram-se na região central e suas adjacências.

Considerando a pluralidade para usufruto da vida social noturna, como referido, a etnografia, constitui-se a partir de três casas noturnas, comumente denominadas de “baladas”, sendo: a *Casa do After*, o *Bang do Garden* e a *Pink Money*, frequentadas regularmente por Xavier e, que, devido sua localização na cidade, denotam para construção de múltiplos *Trajetos*<sup>22</sup>, deslocamentos e/ou locomoções.

Embora essas três casas noturnas estabeleçam entre si uma circularidade de frequência de Xavier, cada qual, compõe uma mancha<sup>23</sup> de lazer, dispondo de uma temática específica e, por conseguinte, ênfase em um ritmo musical predominante, como o Sertanejo Universitário; Pagode e Funk – este último delineado por músicas entre 100 e 170 BPM (batidas por minuto).

Embora haja predominância de estilos musicais em cada um dos estabelecimentos, isso não se torna um impeditivo para a reprodução de ritmos variados, visto que, semanalmente são organizados eventos vinculados ao segmento característico da casa. Porém, no decorrer da noite, são sempre incorporados outros estilos musicais, sendo essa, uma das características comuns desses locais e, que, por conseguinte, atraem um público heterogêneo.

Apesar dessa diversidade, as baladas são definidas pelos frequentadores como hétero e LGBT, sendo respectivamente, baladas hétero, a Casa do After e o Bang do Garden, enquanto a Pink Money é tida como LGBTQIA+.

## **INTEMPÉRIES NOTÍVAGAS!!**

Durante o período de incursões como acompanhante de Xavier aos *três* estabelecimentos, uma das idiossincrasias que amiúde, vislumbra-se, era delineada a partir das adversidades em sua mobilidade pela cidade, adjacências das baladas, bem como, em seus interiores, decorrentes das discrepâncias entre as configurações dos equipamentos urbanos públicos e privados. Em detrimento, para o imaginário social, nesse caso, as pessoas “normais” e/ou “bípedes”, utilizando uma categoria contrastante à

---

<sup>21</sup> Referência à categoria utilizada por Magnani (2002 e 2012).

<sup>22</sup> Idem (2002; 2012).

<sup>23</sup> Idem (2002; 2012).

*corporeidade* de Xavier, como exemplifica Ingold (2015a:82), para eles, através das obras públicas:

Transformaram seus espaços urbanos em algo que se aproxima do chão da parada, pavimentando as ruas. Ao fazê-lo, literalmente abriram caminho para o pedestre calçado exercitar os seus pés como uma máquina de andar. Ele já não precisa escolher seu caminho, com cuidado e destreza, por ruas esburacadas, calçadas com paralelepípedos ou acidentadas, repletas de sujeira acumulada e excrementos das inúmeras residências e comércios cujas atividades acontecem ao longo delas.

Todavia, essa incomplexidade e/ou facilidade em caminhar pela cidade dos “bípedes”, devido a pavimentação, não inclui Xavier. Ao invés disso, considerando as composições urbanas de que dispõe o município de Curitiba-PR, configura-se uma impetuosa e autêntica “odisseia”, Xavier transitar pela cidade.

Apesar da possibilidade dessas características e/ou implicações referendadas, serem nitidamente perceptíveis por quaisquer espectadores. A priori, em virtude da ausência frequente de acessibilidade em múltiplos ambientes e, que, acomete abruptamente os *Trajetos*, deslocamentos e/ou locomoções das pessoas com deficiência, no caso de Xavier, deficiência física, inibindo-os dos exercícios de suas funções e/ou atividades cotidianas. É pertinente ressaltar, a premência de uma leitura pormenorizada acerca das narrativas que circundam esse campo e suas nuances, não só com o intuito de enfatizar tais idiossincrasias, como a mobilidade, mas, compreendê-las enquanto elementos constitutivos, que denotam para as percepções, movimentos e plexos das pessoas com deficiência física, mediante a cidade e seus matizes.

Em outras palavras, equivale enunciar, que as intempéries citadinas que obstruem, restringem e complexificam a participação e/ou usufruto da vida social das pessoas com deficiência, concomitantemente, são subvenções para o construto de outras formas de *Habitar o mundo* e/ou a Urbe e, assim, postular e preconizar seus direitos à existência.

A menção as múltiplas formas de *Ser/Estar* no mundo, é uma referência a Xavier enquanto deficiente físico, suas percepções acerca dos ambientes e técnicas que viabilizam sua caminhada, bem como, seus movimentos, mediante aos percalços de mobilidade experienciados. Nesse sentido, antes de prosseguirmos, é oportuno destacar, que os vocábulos: *percepções, técnicas e habilidades*, remetem e coadunam com as acepções pormenorizadas por Marcel Mauss; Thomas Csordas e Tim Ingold.

De início, cabe salientar que, as relações entre corpos e técnicas, são exemplificadas desde outrora por Mauss (2003:407), de modo que, para ele, o corpo “é primeiro e o mais natural instrumento do homem. Ou, mais exatamente, sem falar de



instrumento: o primeiro e o mais natural objeto técnico, e ao mesmo tempo, o meio técnico do homem é seu corpo”. Tais considerações, configuram as técnicas como um ato tradicional e eficaz, correspondentes as tradições. Assim, são fenômenos e/ou práticas assíduas e/ou repetidas, aludem a um adestramento, circundadas por significados singulares.

Em outras palavras, pode-se enunciar que, do plexo corpos-técnicas, suscitam no que Mauss (2003:401), designa como sendo técnicas corporais, “maneiras pelas quais os homens, de sociedade em sociedade, de uma forma tradicional, sabem servir-se de seu corpo”. Por sua vez, tal referência à “subserviência” do corpo elucidada pelo autor, denota, não para uma compreensão enquanto objeto inato, mas sim, como, elemento constitutivo do *Ser*. Isto é, o corpo, enquanto produção e significação de si mesmo, o que, coaduna com as acepções sobre *corporeidade*<sup>24</sup>, *o corpo como base existencial da cultura*.

Nesse sentido, permite-se ressaltar que, as formas de andar e caminhar, compreendidas enquanto técnicas corporais, estão para além de instrumentos, recursos e ferramentas de locomoção, advindos de um adestramento, em detrimento disso, são processos contínuos de experienciar, entrelaçar, improvisar, ou seja, estar atento *ao e com* o corpo mediante os ambientes e/ou mundo.

Como exemplifica Ingold (2015a:90), “andar é uma tarefa altamente inteligente. Essa inteligência, no entanto, não está localizada exclusivamente na cabeça, mas, distribuída por todo o campo das relações compostas pela presença do ser humano no mundo habitado”. Portanto, ao longo desse processo de experiências corpóreas contínuas delineado por movimentos, Ingold (2015a:98), também destaca, que, “na caminhada, cada passo é um desenvolvimento do anterior e uma preparação para o seguinte [...] como ir de um lugar a outro, através de um movimento que – embora rítmico e repetitivo – nunca é estritamente monótono”. No que se refere a Xavier, tais acepções e processos, são vislumbrados no decorrer dos percursos até as casas noturnas e, em suas dependências.

Haja visto que, sua caminhada é constituída a partir de *percepções e atenção* conferidas tanto à cidade e seus equipamentos citadinos, quanto imbuído nas dependências e/ou interior das baladas. Tendo em vista, que cada *passo, marcha e/ou rotação das rodas da cadeira*, apesar de rítmicos e repetitivos, exemplificado por Mauss

---

<sup>24</sup> Para uma leitura pormenorizada acerca do tema, vide Csordas (2008).

(2003), como adestramento, ainda assim, nunca são iguais, o que, coaduna com a exposição de Ingold (2015a), destacada acima, delineada, como a capacidade de improvisação e, não simplesmente repetição, condicionada e/ou inata.

Em razão de que, exigem de Xavier destreza e responsividade, de modo que, em virtude das disposições e irregularidades na arquitetura urbana ou das casas noturnas, dentre os quais pode-se elencar, as ondulações e inclinações nas ruas, desnivelamento dos pavimentos e/ou calçadas. Assim como, nas baladas, com a existência de escadas, que em si, são coeficientes de periculosidade, mas, que exacerbam exponencialmente sua inação, quando dispõem de degraus íngremes e/ou estreitos, além de patamares e sobressaltos nos pisos. Ao passo que, quaisquer descuidos ou distrações podem culminar em um acidente.

Como exemplo, a eventualidade de tropeços e/ou travas das rodas, acarretando num tombo da cadeira ou dele sobre ela, lançando-se em direção ao chão, seja pendendo para os lados ou para trás e, até mesmo, sendo arremessado para frente. Além de que, em última instância, há o risco em danificar a estrutura metálica da cadeira, bem como, seu conjunto de rodas.

Todavia, como declara Ingold (2000:166, tradução nossa), “a percepção é uma função do movimento, então, o que percebemos deve pelo menos em parte, depender de como nos movemos. A locomoção, não a cognição deve ser o ponto de partida para o estudo da atividade perceptiva”. Sendo assim, a *percepção* de Xavier em relação aos ambientes não decorre apenas de um *processo corporal*, isto é, uma *sensação corpórea “isolada”*, que envolve apenas uma parte do corpo, mas, de acordo com Csordas (2008), um *engajamento sensorio*, em que, deve-se estar *atento* a situação de todo o corpo no ambiente e/ou mundo.

Portanto, ao longo de sua caminhada, Xavier, além do ato em si de movimentar-se, considerado por Mauss (2003:416), como:

Movimentos do corpo inteiro, rastejar, pisar, andar. A marcha: habitus do corpo em pé ao andar, respiração, ritmo da marcha, balanceio dos punhos, dos cotovelos, progressão do tronco adiante do corpo ou por avanço alternado dos dois lados do corpo (estamos habituados a avançar com o corpo todo de uma só vez).

Por sua vez, que para Xavier, envolve a simetria entre apoiar suas mãos no aro das rodas e empurrá-los tanto em sentido horário, quanto anti-horário, ou seja, para frente ou para trás, rodeando-os assiduamente, o que equivale a cada *passada e/ou marcha*. Há, também na caminhada, que vislumbrar e analisar cada um de seus passos, para caso necessário, corrigi-los, para desviar e esquivar das intempéries, obstáculos e

irregularidades presentes ao longo dos caminhos, como mencionado anteriormente. Em suma, ambas as ações são como enfatiza Mauss (2003), movimentos de corpo inteiro, e, por conseguinte, “exemplificações” de *engajamentos sensoriais e atenção*. Em outras palavras, subscritas como, *experiências perceptivas*.

Nesse sentido, a partir de tais exposições, o que se percebe e/ou evidencia-se, é que *experiência perceptiva* de Xavier, decorre da maneira de que ele se movimenta e interage com o ambiente, como reiterado por Ingold (2015a), e apresentado em outrora nessa narrativa.

Entretanto, cabe salientar que, essa forma de Xavier se movimentar, caminhando e coabitando com as adversidades citadinas, advém de sua *habilidade e atenção*, em detrimento das configurações irregulares urbanas. A *habilidade* nesse caso, que coaduna com a concepção elucidada por Ingold (2015a:110), como a “capacidade de improvisação [...] e, criativamente reincorporar as peças em suas próprias esferas da vida”. Isto é, um processo de aprendizagem, que envolve treinamento e prática, circundados pela *percepção e ação*.

Concomitantemente, a *atenção* descrita por Csordas (2008), adjunta ao *engajamento sensorial*, pode ser compreendida como complementariedade à *habilidade*, por assim dizer. A priori, porque para Ingold (2015b:27), a *atenção* no sentido prático, refere-se a dispor de “atenção onde pisa, e, também ouvir e sentir. Em outras palavras, seguir o caminho é menos intencional do que atencional”. Em síntese, equivale proferir, que o aprendizado de uma *habilidade* é oriundo de uma *educação da atenção*.

No que tange a Xavier, é possível inferir que sua *habilidade* em caminhar pelos meandros e irregularidades das dependências das baladas, mas, principalmente, da urbe, é proveniente de um processo de aprendizagem, advindo das experiências de sua *corporeidade* ao longo dos movimentos e trajetos pela cidade.

Assim, numa tentativa de versar com as considerações expressas por Ingold (2000:353, tradução nossa), é pertinente salientar, que “é na sintonia mesma do movimento em resposta às sempre mutáveis condições de uma tarefa em desdobramento que a habilidade de qualquer técnica corporal, em última instância reside”. Portanto, não há como dissociar *habilidade, percepção e/ou atenção* da *corporeidade* e seus plexos com os ambientes.

Em consonância a essa exposição e valendo-se dos escritos de Steil e Toniol (2011), sobre a natureza, ecocaminhantes – comumente denominados de trilheiros – e,

por conseguinte, as experiências destes ao longo dos caminhos (trilhas). Ambos os autores, consideram tais experiências como, delineadas por *modos somáticos de atenção*.

Enfatizando que, nos ecocaminhantes, ainda segundo Steil e Toniol (2011:42), são expressas por meio da “exaustão física e a relação estabelecida com a natureza”, de modo que, “a experiência de caminhar [...] ao que parece, constituem o corpo do caminhante”. Em outras palavras, corresponde proferir que as *experiências consternadas* e/ou *dolorosas*, bem como, os *regozijos*, sendo respectivamente: exaustão física e a relação estabelecida com a natureza, são maneiras de externalização da experenciação vivida. Ou seja, sensação de corpo esgotado devido ao percurso, mas, mente revigorada, mediante os plexos e contatos com os cenários e/ou paisagem silvícolas.

Na tentativa de estabelecer um nexos com os percursos citadinos de Xavier até as casas noturnas, bem como, no interior desses estabelecimentos, é possível inferir que, assim como ocorre com os ecocaminhantes, os *engajamentos sensoriais* de Xavier, também, delineiam-se a partir de *dois modos somáticos de atenção*: a *exaustão física* e o *frenesi e/ou entusiasmo*. Por sua vez, que reverbera em *consternações, regozijos e/ou deleites*.

Ao que concerne à primeira, isto é, a *exaustão física* e suas *consternações*, estas são provenientes do desgaste e cansaço em deslocar-se pelas adjacências até os estabelecimentos noturnos. E, por conseguinte, locomover-se por seus interiores, superando não só as adversidades físicas e logísticas, bem como, as atitudinais. Ambas, decorrentes da ausência de infraestrutura e configurações acessíveis, como também, das aglomerações, desrespeitos e indiferenças do público frequentador à *corporeidade* de Xavier.

A segunda, denota para o *frenesi e/ou entusiasmo*, pois preconiza as viabilidades para *curtição e/ou deleite* de que as baladas dispõem, o que inclui, desde o consumo de bebidas, produtos e/ou substâncias tidas como ilícitas, até expectativa de interações, danças e flertes com os demais partícipes.

Em síntese, é factível explanar que os *modos somáticos de atenção* “outorgados” a Xavier, aproximam-se da proposição de categorização, exortada como “*duplo papel*”, sendo, um “*lembrete e aliviador*”<sup>25</sup>. Essa analogia é congruente, se considerarmos que o “*duplo papel*” referido, também, evoca para processos de experiências corpóreas, ou nas palavras de Csordas (2008), *atenção à situação do corpo no mundo*. Em razão de que,

---

<sup>25</sup> Para uma leitura pormenorizada acerca do tema, vide Lima (2017).

como “*lembrete*”, refere-se as motivações e/ou estímulos comuns de seus partícipes à assiduidade aos estabelecimentos.

Ao passo que, enquanto “*aliviador*”, alude as expectativas do frequentador e/ou integrante do baile, em atenuar as fadigas e infortúnios da “vida séria”. E, assim, revigorar-se em plenitude, a partir das contingências que o baile propicia, como flertes e danças. Cabe salientar que, essa última habilidade e/ou técnica corporal citada, é designada por Mauss (2003), como movimento do corpo inteiro, porém, vistos como técnicas de repouso ativo e que, por isso, exigem equilíbrio e destreza.

Mediante essa sucinta descrição, sobre as acepções que circundam os movimentos, bem como, as experiências perceptivas de Xavier e alguns de seus reverses perante as intempéries urbanas, circunscritas a partir da cidade e seus equipamentos urbanos, tal como, as estruturas e configurações internas dos estabelecimentos de lazer noturnos. É indubitavelmente oportuno, doravante, discorrer sobre alguns dos acontecimentos ao longo das noites nas baladas, em conformidade as teses referidas. Para tanto, retomarei algumas das passagens que se referem as “andanças” de Xavier.

Durante as noites de incursões pelas casas noturnas, uma das práticas assíduas de Xavier, seja ao longo dos percursos até as baladas, dos picos e/ou points do esquentar, bem como, nas dependências dos respectivos estabelecimentos, consistia no “revezamento” dos modos de deslocamento e/ou locomoção. Por sua vez, essa prática decorria das circunstâncias em que estávamos, isto é, a depender da presença de grupos próximos observando-nos ou não, principalmente, agrupamentos femininos.

Diante de tais circunstâncias, o revezamento de locomoção intercalava-se, ora realizado com o auxílio dos acompanhantes, ora empreendido por sua própria motricidade, em detrimento das presenças femininas ou não.

Sobretudo, próximo das baladas e, logo que as adentrávamos, Xavier almejava expressar mais “autonomia”, caminhando sempre a frente quando possível, ratificando sua “independência”, robustez e altivez. Essa postura, advém da tentativa de atenuar o impacto de sua *corporeidade*, em contraste com os demais frequentadores. E, em última instância, considerada como uma demonstração de virilidade e sensualidade perante os olhares curiosos e, concomitantemente, coercitivos e achapantes.

Em contrapartida, quando não observado ou quando demonstrava cansaço, solicitava que seus acompanhantes, dentre os quais incluíam: eu, e seus amigos – Escobar e Malcom – para que o auxiliassem, empurrando-o pelos ambientes, dentro das casas

noturnas, mas, principalmente, nas suas adjacências, para evitar ser visto na circunstância de dependente ou debilitado.

## **SONORIDADES E SIMETRIAS: “PLEXOS” ENTRE O “DANÇARINO” E SUA CADEIRA!!**

Ao referenciar o usufruto da vida social noturna de Xavier, o que se enfatiza é sua corporeidade em contraste com os adjuntos. Todavia, porque, apesar de executar as mesmas atividades, práticas e/ou habilidades que os demais, dentre as quais: caminhar, dançar, flertar, além de inúmeras outras formas de curtir às nuances que as baladas viabilizam. Ainda assim, a deficiência física e o uso da cadeira de rodas, o resplandece mediante as multidões aglomeradas nas pistas.

Considerando tais elementos como “denominadores” da diferença e/ou estigma<sup>26</sup>, é pertinente salientar, as idiossincrasias, bem como, as construções das performances de Xavier no interior das pistas, aventando não como comparativos entre os partícipes, mas sim, como tentativa de elucidar suas experiências perceptivas de Xavier ao longo das noites. Até porque, como exemplifica Kim (2013:188), sobre a deficiência física:

Não é porque ela seja uma diferença que ela dificulta a interação social, mas, porque ela é identificada pelos “normais” como uma marca da identidade pessoal que contamina de forma indelével qualquer identidade social que a pessoa com deficiência física queira fabricar. Além disso, também os índices da deficiência – a cadeira de rodas e muletas, por exemplo – tornam-se traços indissociáveis de sua fachada social.

Dito de outra maneira, a priori, não é a deficiência enquanto diferença que impede a interação de Xavier nas casas noturnas e que o restringem a executar movimentos de corpo inteiro, como a caminhada e a dança. Entretanto, é a maneira como ele realiza tais técnicas corporais e/ou habilidades, que o realça na pista.

Nesse sentido, é pertinente salientar que, para além de referenciar tais experiências corpóreas, que circundam movimentos do corpo inteiro, como referido em outrora, há uma tentativa de elucidar a partir da descrição dos movimentos de caminhada e dança, os *engajamentos sensoriais* de Xavier com o ambiente. Como exemplificado Ingold (2015a:87), em que:

A percepção deveria ajudar a restaurar o lugar adequado do tato no equilíbrio dos sentidos. Pois, é certamente através dos nossos pés, em contato com o chão (embora mediados pelo calçado), que estamos mais fundamental e continuamente em “contato” com o nosso entorno.

---

<sup>26</sup> Para uma leitura pormenorizada acerca do tema, vide Goffman (1988).

Essa declaração, aventa os pés, como primazia, para a experiência com o ambiente e/ou o mundo. Entretanto, para Xavier, não só os calçados como referenciados que mediam essa experiência, mas, a cadeira de rodas, especificamente, o sistema de rodas da cadeira, que em contato direto com o solo interage com o ambiente.

Essa interação, ou, nas palavras de Ingold (2015a:105), o entrelaçamento, advém de um movimento de *acoplamento* entre *percepção e ação*. Considerado como “multissensorial e, que, estabelece a destreza e o controle que são as principais características da prática qualificada”. Esse movimento multissensorial, aproxima-se do que Mauss (2003), designa como movimento de corpo inteiro, ao passo que, em referência ao caminhar, exige mais do que movimentar os membros inferiores.

No caso de Xavier, predominantemente, quando assentado na cadeira, corresponde tanto em movimentar assiduamente os braços sobre os aros das rodas, friccionando-os e sentindo os impactos decorrente das irregularidades do chão e/ou solo, diretamente nas mãos, bem como, no tronco, quadril e pernas, devido a estar assentado. Além, do fato de vislumbrar as irregularidades e intempéries, na tentativa de corrigir seu deslocamento para superá-las ou desviá-las.

Ainda de acordo com Ingold (2015a:113), os sistemas vivos são circundados “por um acoplamento de percepção e ação, que surge dentro dos processos de desenvolvimento ontogenético<sup>27</sup>. Esse *acoplamento* é tanto uma condição para o exercício da agência, quanto para a fundação da habilidade”. Portanto, o *acoplamento* é substancial e/ou constitutivo do *organismo*<sup>28</sup>, este último, que não é uma entidade fechada, mas sim, um emaranhado de linhas<sup>29</sup> em fluxos<sup>30</sup> contínuos. Sendo assim, é um sistema aberto em um campo relacional com o ambiente, viabilizando experiências, e habilidades.

Com vistas a essas acepções, pode-se proferir que a *corporeidade* de Xavier enquanto *Ser* no mundo, é substancialmente constituída por *acoplamentos*. A priori, entre sua *estrutura corpórea* e a *cadeira de rodas*, ambos, designados por Ingold (2012), como *coisas*, que correspondem tanto a materiais, quanto pessoas. Portanto, seres vivos, humanos e não-humanos em interface, pormenorizada como *coisas vivas*. Contudo, a partir da interface com o ambiente, via fluxos e/ou movimentos, suscita em

---

<sup>27</sup> Processos de transformações e/ou alterações dos organismos ao longo da vida.

<sup>28</sup> Para uma leitura pormenorizada acerca do tema, vide Ingold (2015a).

<sup>29</sup> Termo utilizado por Ingold (2007; 2015a), inspirado a partir das contribuições de Deleuze e Guattari (1997), sobre linhas de fuga ou linhas de devir.

<sup>30</sup> Idem (2007; 2015a).

entrelaçamentos e, por conseguinte, concebe um *organismo vivo e/ou pessoa-organismo*<sup>31</sup>, âmago de *agenciamentos e experiências*.

Essas construções acerca dos acoplamentos, compõe o arcabouço das literaturas de Tim Ingold (2000, 2012, 2015a). Entretanto, em vista da complexidade e relevância de tais acepções científicas, Von der Weid (2014), coadunando com os escritos de “vanguarda” do autor, viabilizou tais conceitos e prospecções em primazia, utilizando-os em sua etnografia sobre pessoas cegas, aventando para o usufruto de suas vidas diárias, bem como, suas experiências corpóreas. A priori, a partir do uso da bengala, como modo de engajamentos corporais, experenciação do mundo e/ou ambiente.

Em síntese, a autora disserta sobre os acoplamentos das pessoas cegas e seus “dispositivos assistivos”, como a bengala. O que, por sua vez, denota para as concepções de *pessoa-organismo*. Portanto, a relação amiúde entre Xavier e a cadeira de rodas, além de contígua, coaduna com as acepções de ambos os autores, principalmente, orientando-se das premissas de Von der Weid (2014), acerca das pessoas cegas.

Endossando tais prospecções, de maneira profícua, Von der Weid (2014:129), exemplifica que, “por meio do engajamento corporal com materiais [...] nos acoplamentos que se cria com eles, os materiais ajudam a criar, um novo corpo, ao mesmo tempo em que são recriados nesse vínculo”. Nesse sentido, equivale a enunciar que, os entrelaçamentos sejam entre as pessoas cegas e suas bengalas, bem como, Xavier e a cadeira de rodas, constituem uma nova *corporeidade*. Um *corpo fenomênico* aberto para as sensações e experiências ao longo de suas vidas.

Nesse sentido, cabe salientar que, embora Xavier possa caminhar de maneira “bípede”, utilizando suas pernas mesmo que sem firmeza e equilíbrio e, por isso, amiúde amparando-se em alguém ou algum equipamento urbano e/ou cidadão. Sua preferência é de permanecer assentado na cadeira para prosseguir e desenvolver sua caminhada, bem como, outras atividades. Dentre as quais, nas casas noturnas, circundam além dos trajetos pelo interior do estabelecimento, também as danças e suas performances nas pistas.

Ainda em referência a essa habilidade de Xavier, em caminhar de maneira bípede e/ou devido as configurações da cadeira, composta por um conjunto com quatro rodas, o que, evoca em última instância, designar seu modo de andar como “quadrúpede” e, iminentemente, remete a discussão sobre *Cultura e Natureza*. Haja visto que, como demonstra Ingold (2015a:81), “para os pensadores ocidentais os bípedes são superiores

---

<sup>31</sup> Para uma leitura pormenorizada acerca do tema, vide Ingold (2015a).



aos quadrúpedes e, por isso, são superiores a eles na natureza”. Essa oposição é perceptível na *corporeidade* de Xavier referendada anteriormente.

Entretanto, não o outorga uma suposta “hibridização”, isto é, ora andar bípede, ora andar quadrúpede, pois, como mencionado no início dessa narrativa ele considerar-se e/ou autodeclara-se como *cadeirante*. Nesse sentido, assumindo uma identidade que lhe confere um estilo de vida<sup>32</sup> e, por conseguinte, uma maneira de *Ser/Estar* no mundo, tendo em vista, que a cadeira de rodas é parte constitutiva de seu corpo e/ou uma extensão dele.

Como afirma Kim (2013:426), há uma negação do andar “quadrúpede”, de modo que, durante a reabilitação em alguns casos de paralisia e paresia, os pacientes são estimulados, caso haja recursos financeiros, seja das organizações estatais ou do próprio paciente, para que experienciem outras tecnologias assistivas, como exoesqueletos<sup>33</sup> ou similares, que:

Apesar de darem ao cadeirante a possibilidade de se colocar em uma posição quase ereta, facilitando a interação social e, com o meio ambiente – indica o quanto a aplicação da tecnologia cibernética para a reabilitação é dirigida pela negação da diferença e pela obsessiva busca por restaurar a imagem do bipedismo no parálítico.

Considerada como uma tecnologia reabilitacional o exoesqueleto e seus similares, em primazia, propõem o retorno ao bipedismo de deficientes físicos. Em suma, essa tecnologia como expressa Kim (2013), é uma tentativa de encobrimento<sup>34</sup> da deficiência e, manutenção do estigma sobre a cadeira de rodas, muletas ou quaisquer outros equipamentos que obstruam e ou inibam a apresentação de uma postura ereta. Segundo as considerações de Kim (2013:178), apesar das distinções entre as *corporeidades*, no que se refere ao bipedismo e a posição ereta, lesados medulares e amputados, denotam para similaridades. Isso porque:

Ainda que a perda do bipedismo seja objetivamente produzida por fatores absolutamente distintos no amputado e no lesado medular, e o processo de adaptação a ela também sejam diferentes, ambos são marcados por transformações de sua identidade social que são, em princípio, similares. Se por um lado as especificidades do corpo biológico os distinguem em duas classes de deficiência física, a relação estigmática os une socialmente.

Contudo, apesar da contiguidade entre amputados e lesados medulares, no que corresponde aos deficientes físicos, *cadeirantes*, pode-se inferir que, há uma distinção

---

<sup>32</sup> Estilo de Vida. Para uma leitura pormenorizada, vide Diniz (2012).

<sup>33</sup> De acordo com Kim (2013:403), “o exoesqueleto ativo é um aparato cibernético que estabelece um corpo supranumerário parcial ou integral que se sobrepõe ao corpo do usuário, mimetizando sua morfologia e os movimentos que realiza ou que deveria realizar, a fim de amplificar sua potência ou de restaurar a motricidade perdida em decorrência de paralisia”. Entretanto utilizado, a priori, somente para casos de paralisia (paraplegia).

<sup>34</sup> Termo em consonância aos escritos de Goffman (1988; 1999).

substancial entre as “categorias” referenciadas. Essa distinção, é circunscrita a partir de uma característica singular dos cadeirantes mediante aos deslocamentos e/ou locomoções.

Essa característica será enfatizada a partir dos movimentos de Xavier, pois, sua caminhada é constituída por um “*duplo papel*” e, que, aventa para suas experiências corpóreas ao longo dos caminhos. A priori, ambos advindos dos movimentos de *rotações do conjunto de rodas* da cadeira, o que, viabiliza Xavier executar *passadas e/ou marchas* e, que, concomitantemente, consiste em *resvalar e/ou deslizar* ao longo dos pavimentos. Em síntese, esse “*duplo papel*” pode ser considerado como contíguo ao que Brandão (2006:128), designa como *corpos deslizantes e desviantes*, definindo-os como:

Corpos que deslizam por conceitualizações, esquemas classificatórios e rótulos. Trata-se de indivíduos extremamente cuidadosos com um visual que se quer rebelde, sujeitos às artimanhas de uma mídia especializada, mas, também sedentos de desejos e expressividade. Corpos que desafiam o perigo e fazem do espaço apropriado um terreno de experimentações sensíveis.

A categoria de *corpos deslizantes e desviantes* cunhada por Brandão (2006), refere-se a princípio a seu objeto de estudo, bem como, seus interlocutores, ou seja, os skates e seus praticantes e/ou skatistas, que percorrem a cidade e seus equipamentos citadinos, conferindo-os não só como obstáculos e desafios a serem superados, mas, principalmente, elementos constituintes de suas “pistas ao ar livre”, como rampas, corrimãos e pirâmides e trilhos<sup>35</sup>.

Entretanto, para além dessas construções com ênfase aos skates/skatistas, a referência aos *Corpos deslizantes e desviantes* empregada nessa narrativa, elucida sua viabilidade aos movimentos de Xavier ao longo das noites pelos ambientes. Ao passo que, como exemplifica Brandão (2006:28), esses corpos são aqueles “que deslizam, desviam, trombam, levantam-se e seguem em frente”. Essa assertiva, remete as experiências de Xavier perante a Urbe e seus matizes, que assim como os skatistas, ambos, seguem deslizando, apesar das intempéries.

Considerando as acepções mencionadas, pode-se inferir que Xavier executa ao longo de seus movimentos uma *caminhada deslizante*, tendo em vista que, suscita do acoplamento contínuo entre a estrutura corpórea e a cadeira de rodas, configurando sua *corporeidade*. Nesse sentido, a partir de suas “andanças” pelos interiores das baladas, Xavier em sua *caminhada deslizante*, tece linhas ao longo de seus fluxos de experiências perceptivas com o ambiente. O que, por conseguinte, no decorrer da noite orientam-no pelo caminho.

---

<sup>35</sup> Para uma leitura pormenorizada sobre o tema, vide Brandão (2006).

Essa prospecção, coaduna com as considerações de Von der Weid (2014:252), ao declarar que “para o ambiente se tornar conhecido é preciso traçar as suas linhas, incorporar os seus contornos ao longo das repetidas passagens que se faz ali”. Em suma, essas linhas são o que ao longo do trajeto e/ou trilha, permitem Xavier localizar-se e caminhar tanto pela pista, como nas demais áreas das casas noturnas.

O tecer dessas linhas ao longo dos fluxos, são exemplificadas durante toda a narrativa sobre a assiduidade de Xavier nas baladas. Entretanto, especificamente, pode-se enfatizar os deslocamentos constantes realizados nas pistas da *Casa do After* e o *Bang do Garden*, ambos, ambientes com enormes aglomerações e, que exigiam de Xavier em suas “idas e vindas”, caminhar sempre pelos trajetos e/ou trilhas constituídas desde o início da noite.

No que se refere à *Casa do After*, essas trilhas constituíam-se nas extremidades da pista, circundando as áreas vips inferiores e perpassando pelo corredor formado em frente ao balcão do bar e os mezaninos que dividiam a pista de dança. Em relação ao *Bang do Garden*, as trilhas eram “tecidas” de maneira análoga a casa anterior. Sempre nas extremidades da pista, utilizando-se do corredor próximo ao bar, estendendo-se desde as escadas da pista de dança até o palco.

No que diz respeito a *Pink Money*, a caminhada também se realizava pelo deslizamento entre as trilhas, porém, em menor assiduidade. Tendo em vista, que nesse estabelecimento Xavier permanecia com maior frequência na pista de dança ou próximo a ela. Assim, essas trilhas eram delineadas tanto ao redor da pista, quanto em meio a aglomeração. Isso, porque, Xavier valia-se dessa caminhada para empreender possíveis “ataques” e/ou flertes a quem lhe despertava interesse. Por isso, é que as trilhas se estendiam ao longo das extremidades da pista de dança, perpassando pelos bares, entrelaçando-se ao centro da pista.

Contudo, cabe salientar que, esses trajetos e/ou trilhas apesar de exemplificados a partir de uma linearidade, no decorrer da noite não são um construto “mecânico” ou predeterminado, visto que, como demonstra Ingold (2015a), essas linhas, bem como, suas trilhas são constituídas ao longo dos caminhos, advém de entrelaçamentos com o ambiente. Por sua vez, não são circunscritas a partir de um ponto inicial ou final, pois, são linhas em interface, delineadas por movimentos contínuos entre os materiais, o que, remete, a fruição de *pessoa-organismo*, mencionado em outrora.

A descrição da *caminhada deslizante* de Xavier ao longo das noites, aventa, também, para a metáfora enunciada por Ingold (2015b), acerca das maneiras de caminhar,

subscrito em seu texto como o *Dédalo e o Labirinto*. Como exemplifica Ingold (2015b:25), há distinções entre a caminhada de ambos:

O trajeto em um dédalo, pode ser representado como uma sequência estocástica de movimentos, pontuada por momentos de decisão, de modo, que cada movimento se baseia numa decisão tomada previamente. É, essencialmente, um empreendimento estratégico semelhante a um jogo. Isso não significa negar as manobras táticas que ocorrem quando pedestres e mesmo motoristas se acotovelam para passar pela multidão em uma rua ou metrô lotados. Mas negociar a passagem através da multidão é uma coisa; encontrar seu caminho através de um dédalo é outra bem diferente. [...] no caminhar pelo labirinto, por outro lado, escolher não é uma questão. O caminho leva, e o caminhante deve ir para onde quer que ele o leve. Mas o caminho nem sempre é fácil de seguir.

Apesar da *caminhada deslizante* de Xavier, a princípio, denotar para similaridades de ambas as maneiras de caminhar. A partir de uma leitura e apreciação pormenorizada, é indubitável sua contiguidade ao *labirinto*.

Em virtude de que, caminhar nesse ambiente confere a Xavier a identidade de *Andarilho*, isto é, um *Ser* que ao longo de sua jornada, como demonstra Ingold (2015b:27), não tem outro objetivo senão sempre seguir em frente. Entretanto, para prosseguir:

Sua ação deve estar acoplada de modo próximo e retido com sua percepção – ou seja, um monitoramento sempre vigilante do caminho, à medida que ele vai se desdobrando. Colocado de forma simples, você tem que prestar atenção onde pisa, e, também ouvir e sentir. Em outras palavras, seguir o caminho é menos intencional do que atencional. O andarilho é levado para fora, para a presença do real.

Sendo assim, Xavier, enquanto *andarilho*, apesar dos interstícios, intempéries e contratempos que possa defrontá-lo, segue seu caminho. Porém, sempre atento ao próximo *passo e/ou rotação das rodas*. Em outras palavras, reiterando a *educação da atenção*, experienciada a partir da corporificação de suas *habilidades* de sua *caminhada deslizante*.

Exortado pelo arcabouço dessas acepções teóricas, é oportuno, como complementaridade a narrativa da *curtição e/ou deleite* de Xavier nas baladas, elucidar as execuções de suas danças e performance nas pistas. Sobretudo, porque são interfaces e difusões dos acoplamentos de referendados em outrora.

A priori, as danças em si como mencionado por Mauss (2003:416), são movimentos de corpo inteiro. Por sua vez, o autor as designa como técnicas de repouso ativo, que “por definição, o repouso é a ausência de movimentos, o movimento a ausência de repouso. Eis aqui uma enumeração pura e simples”. Em suma, as danças como

repousos ativos são movimentos sem sair do lugar, o que, corresponde a algumas danças executadas por Xavier ao longo das noites.

Dentre as quais, pode-se referenciar as performances e coreografias executadas durante os sets e/ou sessões de micareta (carnaval, axé e outros ritmos nordestinos), na *Casa do After*. Como demonstra Leandro (2019:86), a dança:

Configura uma modalidade de experiência corporal produtiva, na medida em que mobiliza a fisicalidade, as emoções, os limites e o imaginário do corpo. Isto é fazer corpo. Tem a ver com a individuação e, ao mesmo tempo, com uma relação com o ambiente – o chão, as paredes, o tecido, o concreto, a árvore, a nuvem, a fumaça, uma figura humana.

Nesse sentido, as danças e movimentos performáticos de Xavier, para além da expressão de suas habilidades e destreza como dançarino são, também, o entrelaçamento de suas experiências corpóreas com os fluxos materiais (sonoros e sinergias dos demais partícipes). Constituindo e conduzindo sua *corporeidade* de maneira rítmica e contínua a partir dos sons e/ou beats.

Em alusão a essas experiências engendradas nas danças, Von der Weid (2014:13), suscita que “uma performance joga com o corpo, a fim de desconstruí-lo e reconstruí-lo de acordo com um plano de ação que não é fixo. O corpo desconstruído se torna provisório e aberto para, então, poder ser recriado”. Portanto, ao longo das danças, conforme Xavier empreende suas performances deslizando pela pista “riscando o salão” e tecendo linhas, em movimentos rítmicos, interagindo com os demais frequentadores, bem como, o ambiente, sua *corporeidade* imputa-se em um continuum de comutas e/ou transformações.

## **RESSONÂNCIAS MELINDROSAS: ÍMPETOS, VOLÚPIAS E MALÍCIAS**

Ao longo das noites nas três casas noturnas, outra das características substanciais perceptíveis em Xavier, para além de curtir o baile, dançando e consumindo bebidas, circundava o interesse em desenvolver interações, mas, principalmente, efetuar flertes, na expectativa de “pegar” alguém ou alguns no decorrer de sua permanência nas baladas.

Entretanto, antes de discorrer acerca dos relacionamentos de Xavier nas baladas de maneira profícua, é pertinente ressaltar que a dança, assim como as músicas e o consumo de bebidas e substâncias ilícitas, são elementos constitutivos para o “desenrolar” das pegações e curtições ao longo das noites. Isso porque, apresenta-se como alguns dos principais propósitos de Xavier na vida noturna. Nesse sentido, Leandro (2019:87), afirma que:

A dança é, para além da política corporal da representação das identidades, uma política da subjetividade, e, ainda, da diferença: uma linguagem que produz corpo, sexualidade, diversidade, só que numa modulação que implica em uma série de concepções sobre o mundo, sobre a vida, justamente por mobilizar uma gama muito grande de práticas, emoções, afetos, estados, tempos e lugares – uma política corporal produtiva.

Por sua vez, tais considerações denotam para a *corporeidade* de Xavier, exemplificadas em suas ações, decisões e comportamentos nas casas noturnas, de modo que, como mencionado, embora, execute suas habilidades de performances com destreza, como quaisquer outros, ainda assim, suas experiências são distintas, tendo em vista, que são realizadas numa cadeira de rodas, deslizando sobre os chãos das pistas. O que, contrasta com seus adjuntos e, mesmo que atenuada pelos frequentadores, como ocorria na *Pink Money*, ainda remetem a permanência do Estigma.

Ainda sobre a música e a dança funk, é oportuno referenciar, que pela característica das três baladas corresponderem ao *mainstream*<sup>36</sup>, o que converge com os escritos de Vianna (1988:104), tanto para Xavier, quanto para os demais frequentadores, “o funk não é a única música de que gostam. É a música que mais gostam de dançar. Não muito mais que isso. Mais do que amor pela música, os dançarinos justificam sua ida aos bailes como um meio para encontrar os amigos”. Portanto, o funk assume um papel de “potencializador” de sociabilidades, justamente, por sua configuração, um ritmo, dançante, frenético e sensual e, que viabiliza o estabelecimento de interações, flertes e, principalmente, “pegações”.

Essa função do funk como “potencializador” de sociabilidades, e, subsequentemente, de interações foi assiduamente vislumbrada em linhas gerais, ao longo das incursões, nas três baladas. Entretanto, na *Casa do After* e, sobretudo, na *Pink Money*, ocorriam com maior frequência.

Em suma, foi durante as sessões funk na *Casa do After* em que Xavier aproximou-se de duas garotas – Lara e Estela. Por sua vez, essa última, que enquanto parceira de dança, executou performances sensuais e, que por vezes, foi “alvo” das investidas de Xavier para beijá-la, bem como, das “apalpadas” em suas partes íntimas.

Embora, nas demais casas noturnas houvesse interações e tentativas de Xavier em “desenrolar” com parceiros (as) que lhe despertavam interesse, é indubitável afirmar que, foram ao longo das noites na *Pink Money* em que ele mais se “deu bem” e/ou teve êxito em suas pegações.

---

<sup>36</sup> Para uma leitura pormenorizada acerca do tema, vide Campoy (2010).

Como descrito em outrora, a *Pink Money* é uma das casas LGBTs da cidade, porém, frequentada também pelo público hétero o que causa desconfortos em alguns dos partícipes LGBTs. No entanto, para Xavier, apesar da ausência de acessibilidade, essa era uma de suas baladas preferidas, justamente, em virtude das possibilidades de relacionamentos.

Todavia, durante as primeiras incursões, havia um desconforto por parte de Xavier devido minha presença, isso porque, até aquele momento estava “oculta” sua sexualidade. A princípio, devido os acontecimentos nas noites anteriores em que o acompanhei e “ingenuamente” o outorguei como heterossexual.

Entretanto, logo nas primeiras horas da noite, ele “desvelou-se” para mim, pegando uma moça e pouco tempo depois um rapaz. Percebendo minha presença, aparentemente demonstrava um desconforto ainda maior, até que, para tranquilizá-lo, proferi a seguinte frase: “piá, fica tranquilo, aproveita teu o rolê, eu tô só acompanhando”. Desse momento em diante, ele se “soltou”, permitindo-se a deleitar-se com as contingências que a balada proporcionava.

Sua desenvoltura e permissividade, ao fim da noite culminou em *13 pessoas* com quem teve algum “lance” e/ou se relacionou, dentre as quais, oito homens e cinco mulheres. Cabe salientar que, a cada noite ou a cada “lance” bem-sucedido ele proclamava seu bordão: “o pai tem mel”, em referência ao seu êxito em “desenrolar” algumas carícias ou volúpias com os demais frequentadores. Sobretudo, porque nas noites da *Pink Money*, embora, por vezes, *eu*, presenciasse seus “pegas” com outros rapazes, logo, em seguida ao ato, ele justificava-se, proferindo frases como: “mano, hoje eu tô aqui pra curtir. Tô aproveitando o momento”. E, em alguns casos até solicitando para que eu não emitisse juízo de valores, declarando: piá, sem julgamento”.

Em suma, é indubitável que as permissividades desse ambiente, contribuíram para o “processo de exposição” de sua sexualidade. No entanto, apesar de Xavier designar-se como *bissexual*, por vezes, ele reiterava “piá, eu pego homem e mulher, mas, transar ou masturbar, só faço com mulheres”. Essa restrição e/ou preferência, foi reiterada por vezes, principalmente, durante os trajetos “pós-balada”, em direção aos tubos de ônibus.

No entanto, esse condicionante, ao longo da noite, a priori, na *Pink Money*, parecia não se sustentar, haja visto, “as pegações” intensas e/ou acaloradas empreendidas com alguns rapazes na pista, era nítido os “apalpamentos” entre Xavier e seus parceiros por ambas as genitais. E, que não fosse a aglomeração ou a intervenção dos demais partícipes, poderia se intensificar e culminar em “algo a mais”, nas imediações da pista de dança.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, o que se propôs nesse trabalho, ainda que, de maneira abrupta – haja visto que, são um recorte de uma produção extensa e densa, leia-se, uma dissertação – foi compartilhar os desígnios do usufruto da vida social noturna de Xavier, bem como, pormenorizar os meandros e intempéries circunscritos ao longo das noites de curtição nas baladas. Todavia, ao acompanhá-lo, o que se vislumbrou, amiúde, corresponde à ausência dos estabelecimentos noturnos em executar as diretrizes normativas condizente com as políticas de inclusão e acessibilidade, delineadas a partir da *Lei nº 13.146/2015 Lei Brasileira de Inclusão (LBI)*. A priori, essa diretriz tem como finalidade, salvaguardar o exercício da vida em plenitude das pessoas com deficiência, bem como, seus direitos e dignidade humana.

Por sua vez, incumbe-se em fiscalizar e regulamentar as estruturas e configurações tanto físicas, quanto organizacionais de instituições públicas e privadas, com vistas, a viabilizar a participação dessa população – *PCDs* – superando não só as barreiras físicas, como, também, as atitudinais.

Entretanto, apesar de promulgada e vigente desde 2015, nessas três casas noturnas – sendo, respectivamente, a *Casa do After*, o *Bang do Garden* e a *Pink Money* – o que se percebeu foi a indiferença, descaso e ultraje dessas instituições, mediante as normativas técnicas operativas. Em suma, para essas instituições, as políticas de inclusão e acessibilidade, são consideradas como facultativas, isto é, de acordo, com o “*bel prazer*” das diretrizes administrativas e organizativas de cada uma. Ao passo que, quando presentes nas casas noturnas, como no caso, da *Casa do After* e do *Bang do Garden*, as infraestruturas denotam para incompletudes e irregularidades, como a presença de sanitários exclusivos para *PCDs*, porém, com medidas inconformes nas entradas de acesso. Ou ainda, com a presença de patamares ou sobressaltos que inviabilizam o acesso de pessoas com deficiência física, sobretudo, *cadeirantes*.

Em síntese, o que se vislumbrou nas três baladas, para além das barreiras físicas, nítidas a quaisquer olhares mais sensíveis, foram as barreiras atitudinais, isto é, os desconfortos e infortúnios, designado juridicamente como preconceitos e discriminações contra as pessoas com deficiência, nesse caso, contra Xavier e sua *corporeidade* enquanto *cadeirante*. Todavia, seja mediante as adversidades de acessibilidade, ou a partir dos deleites durante os “lances” e/ou “pegações” ao longo da noite, o que reverbera, são os duplos papéis, que operam, concomitantemente, como “*lembrete e aliviador*” acerca de sua *corporeidade* e, principalmente, sobre o estigma que reverbera enquanto deficiência



física. Portanto, os *modos somáticos de atenção*, denotam tanto para o “desânimo e infortúnio” de Xavier mediante as experiências ao longo dos deslocamentos, percorrendo os equipamentos citadinos e as dependências das baladas, quanto, são propulsores e/ou motivadores para sua assiduidade semanal nas casas noturnas, instigado pelas experiências de curtição, viabilizadas por meio das pujanças de cada uma das três baladas.

Por fim, é de suma importância, ressaltar que, apesar das inúmeras adversidades, negações e outros impeditivos, somente a presença em si de Xavier nesses estabelecimentos noturnos pode ser considerada como uma subversão e resistência. Isso porque, mesmo de maneira involuntária, sua determinação em curtir e/ou usufruir de sua vida social noturna, denota e instiga uma autocrítica, autorreflexão e até mesmo uma mudança de paradigma sobre as construções acerca dos direitos e dignidade humana.

Sobretudo, porque, para além das normativas expressas na *LBI*, os *Artigos 24º da Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH) da Organização das Nações Unidas (ONU)*, bem como, os *Artigos 6º, 7º, Inciso IV, Artigos 217º, Parágrafos 3º e 227º, da Constituição da República de 1988, salvaguardam o Direito Social ao Lazer*<sup>37</sup>, o que aventa, não só para as pessoas com deficiências, mas, também, para as “pessoas comuns e/ou normais” e, que, mesmo assim, estendendo-se para além das ditas minorias sociais e políticas, exhibe-se como frágil, abstrato, incompleto e distante da realidade, demandas e anseios de seus constituintes. Desse modo, as elucidaciones da vida noturna de Xavier, contribuem para questionar a viabilidade e aplicabilidade das Políticas Públicas enquanto tratados, convenções leis e outras normativas que externalizadas enquanto garantias de Direitos Humanos.

Contudo, valendo-se da gênese e/ou fundamentos da Teoria Crítica dos Direitos Humanos<sup>38</sup>, essa configuração *universalista*, normativa e abstrata, quando aplicada nas micro realidades, inviabiliza demandas, anseios e lutas, pois, decorre de uma perspectiva com tendências homogeneizadoras e, que, rejeitam a pluralidade e as diversidades das composições coletivas, bem como, dos próprios atores sociais.

---

<sup>37</sup> Menção às contribuições de Gomes (2015).

<sup>38</sup> Para Gallardo (2014:11), a Teoria Crítica dos Direitos Humanos postula os direitos como unívocos, sucumbindo a dualidade entre Direitos Fundamentais ou Humanos. Haja vista, que os Direitos Humanos em sua gênese são “um fenômeno político, que significa radicá-los na sociedade humana, traçar seu fundamento sócio-histórico e integrador, e no mesmo movimento, estimar sua universalidade como projeto, irradiação e processo”. Portanto a Teoria Crítica tem como princípio basilar, garantir e aplicá-los não enquanto uma normativa imutável, mas, como um *fenômeno processual, contínuo e relacional*.

Assim, o que preconiza, é a construção de uma *política emancipatória* e/ou uma *Cultura dos Direitos Humanos*<sup>39</sup> efetiva, que para além do *diálogo intercultural*, seja entre sociedades distintas ou em sua própria, não avenge para *Universalismos a priori*<sup>40</sup>, mas que, garanta a existência da multiplicidade humana, o que inclui, as subjetividades e intersubjetividades de seus constituintes. E que, a partir desses, em consonância com suas inúmeras realidades, demandas e postulações cidadinas, a partir do que Agier (2011), descreve como “o fazer-cidade”, isto é, um construto orgânico, coletivo, que emane vivacidade, legitimidade e movimento, outorgue-lhes o direito as diferenças. Todavia, que corroborem para avultar as potencialidades humanas. Em suma, esse processo contínuo de construção ao que concerne as pessoas com deficiências, nesse caso, Xavier, consiste em salvaguardar e viabilizar o direito de a partir das múltiplas formas, essências e *corporeidades* humanas, experimentar e *Habitar o mundo e/ou ambientes* em sua plenitude.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGIER, Michel. **Antropologia da cidade: Lugares, situações, movimentos**. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2011.

BRANDÃO, Leonardo. **Corpos deslizantes, corpos desviantes: a prática do skate e suas representações no espaço urbano (1972-1989)**. Dissertação (Mestrado em História). Dourados: UFGD/FCH/PPGH, 2006. Disponível em: < <https://www.ppghufgd.com/wp-content/uploads/2017/06/Leonardo-Brand%C3%A3o.pdf> >. Acesso em: 10 jun 2022.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil, de 5 de outubro de 1988. **Diário Oficial da União**, Senado Federal. Brasília/DF, 1988. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/Constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/Constituicao.htm). Acesso em: 10 jun 2022.

\_\_\_\_\_. **Decreto nº 6.949, de 25 de agosto de 2009**. Promulga a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, assinados em Nova York, em 30 de março de 2007. Disponível em: < [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2009/decreto/d6949.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d6949.htm) >. Acesso em: 10 jun 2022.

\_\_\_\_\_. **Decreto nº 5.296, de 2 de dezembro de 2004**. Regulamenta as Leis nos 10.048, de 8 de novembro de 2000, que dá prioridade de atendimento às pessoas que especifica, e 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. Disponível em: <

---

<sup>39</sup> Gallardo (2014).

<sup>40</sup> Flores (2002; 2009).

[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2004/decreto/d5296.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5296.htm) >. Acesso em: 10 jun 2022.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (LBI) (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em: < [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm) >. Acesso em: 10 jun 2022.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Diretrizes de atenção à reabilitação da pessoa com acidente vascular cerebral**. Brasília/DF: Ministério da Saúde, 2013. Disponível em: < [http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes\\_atencao\\_reabilitacao\\_acidente\\_vascular\\_cerebral.pdf](http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes_atencao_reabilitacao_acidente_vascular_cerebral.pdf) >. Acesso em: 10 jun 2022.

CAMARGO, Celina de Arruda. O paciente de Acidente Vascular Cerebral e os aspectos de enfermagem em reabilitação. **Rev Bras. Enferm.**, v. 28, n. 2, 1975, p. 35-42. Disponível em: < [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-71671975000200035](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71671975000200035) >. Acesso em: 10 jun 2022.

CAMPOY, Leonardo Carbonieri. **Trevas sobre a luz: O underground do Heavy Metal extremo no Brasil**. São Paulo: Alameda, 2010.

CHRISTOPHER & DANA REEVE FOUNDATION. **One degree of separation: paralysis and spinal cord injury in the United States**. Short Hills: Christopher & Dana Reeve Foundation, 2009. Disponível em: < <http://www.ncartcoalition.org/uploads/userfiles/files/one-degree-of-separation.pdf> >. Acesso em: 10 jun 2022.

CSORDAS, Thomas. **Corpo/significado/cura**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2008.

DINIZ, Debora. **O que é deficiência**. São Paulo: Brasiliense, 2012.

FLORES, Herrera Joaquín. **A reinvenção dos direitos humanos**. Florianópolis: Fundação Boiteux, 2009.

\_\_\_\_\_. Direitos humanos, interculturalidade e racionalidade de resistência. **Sequência: Estudos Jurídicos e Políticos**. Florianópolis, 2002, p. 09-30. Disponível em: < <https://periodicos.ufsc.br/index.php/sequencia/article/view/15330> >. Acesso em: 10 jun 2022.

FREMLIN, Peter Torres. **Corporalidades de Chumbados: Uma Etnografia de Pessoas com Deficiências Físicas no Rio de Janeiro**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Rio de Janeiro: UFRJ/MN/PPGAS, 2011. Disponível em: < <http://peter.desibility.org/wp-content/uploads/2014/04/Corporalidades-de-Chumbados-Fremlin.pdf> >. Acesso em 10 jun 2022.

GALLARDO, Helio. **Teoria Crítica: Matriz e Possibilidade de Direitos Humanos**. São Paulo: Unesp, 2014.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1999.

\_\_\_\_\_. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1988.

GOMES, Christianne Luce; ISAYAMA, Hélder Ferreira (Org). **O Direito Social ao Lazer no Brasil.** Campinas: Autores Associados, 2015. Disponível em: < <https://pontourbe.revues.org/2821> >. Acesso em: 10 jun 2022.

INGOLD, Tim. **Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição.** São Paulo: Vozes, 2015a.

\_\_\_\_\_. **Lines: a brief history.** London: Routledge, 2007.

\_\_\_\_\_. O dédalo e o labirinto: caminhar, imaginar e educar a atenção. **Horizontes Antropológicos.** Porto Alegre, v. 21, n. 44, 2015b, p. 21-36. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ha/v21n44/0104-7183-ha-21-44-0021.pdf> >. Acesso em: 10 jun 2022.

\_\_\_\_\_. **The perception of the enviroment. Essays on livelihood, dwelling and skill.** Londres: Routledge, 2000.

\_\_\_\_\_. Trazendo como coisas de volta à vida: emaranhados criativos em um mundo de materiais. **Horizontes Antropológicos.** Porto Alegre, v. 18, n. 37, 2012, p. 25-44. Disponível em: < [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-71832012000100002&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-71832012000100002&script=sci_arttext) >. Acesso em: 10 jun 2022.

\_\_\_\_\_. Tres en uno: cómo disolver las distinciones entre mente, cuerpo y cultura. *In:* SÁNCHEZ-CRIADO, Tomás (Org). **Tecnogénesis. La construcción técnica de las ecologias humanas.** v. 2. Madrid: AIBR, 2008, p. 01-33. Disponível em: < <http://www.aibr.org/antropologia/aibr/tecnogenesis/> >. Acesso em: 10 jun 2022.

KIM, Joon Ho. **O estigma da deficiência física e o paradigma da reconstrução biocibernética do corpo.** Tese (Doutorado em Antropologia Social). São Paulo: USP/FFLCH/PPGAS, 2013. Disponível em: < <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-10022014-111556/pt-br.php> >. Acesso em: 10 jun 2022.

LEANDRO, Cláudio Leite. **Artistas de Salvador (BA) e de São Paulo (SP): Entrecruzando deficiência à arte da performance.** Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Campinas: UNICAMP/IFCH/PPGCS, 2019. Disponível em: < <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/335533> >. Acesso em 10 jun 2022.

LIMA, Deiler Raphael Souza de. **O que acontece na balada, fica na balada: uma etnografia da balada Sertaneja Universitária.** Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em Ciências Sociais. Curitiba: PUCPR/EEH/CGLCS (Curso de Graduação de Licenciatura em Ciências Sociais), 2017. Disponível em: < [https://www.academia.edu/42822311/O\\_que\\_acontece\\_na\\_balada\\_fica\\_na\\_balada\\_uma\\_etnografia\\_da\\_balada\\_Sertaneja\\_Universit%C3%A1ria](https://www.academia.edu/42822311/O_que_acontece_na_balada_fica_na_balada_uma_etnografia_da_balada_Sertaneja_Universit%C3%A1ria) >. Acesso em: 10 jun 2022.

\_\_\_\_\_. **Sextou: perspectivas socioantropológicas sobre deficiência física, sociabilidades, lazer e direitos humanos nas noites curitibanas.** Dissertação (Mestrado em Direitos Humanos e Políticas Públicas). Curitiba:

PUCPR/EEH/PPGDH, 2020. Disponível em: < <https://pergamum-biblioteca.pucpr.br/acervo/353037> >. Acesso em: 10 jun 2022.

LIMA, Rosa. Alterações nos sons da fala: o domínio dos modelos fonéticos. **Revista Saber (e) educar**. n. 13, 2008, p. 149-157. Disponível em: < <https://core.ac.uk/download/pdf/62496661.pdf> >. Acesso em: 10 jun 2022.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Da periferia ao centro: trajetórias de pesquisa em antropologia urbana**. São Paulo: Terceiro nome, 2012.

\_\_\_\_\_. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, ANPOCS. São Paulo, v. 17, n. 49, 2002, p. 11-29. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v17n49/a02v1749.pdf> >. Acesso em: 10 jun 2022.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MURPHY, Robert. **The body silent: The different world of the disabled**. New York: W. W. Norton & Company, 1990.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS); WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **Relatório Mundial sobre a Deficiência**. The World Bank. Tradução de Lexicus Serviços Linguísticos. São Paulo: SEDPCD, 2012. Disponível em: < [https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/44575/9788564047020\\_por.pdf;jsessionid=B3D7B349BECB5FD9C445F0CCA23E1392?sequence=4](https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/44575/9788564047020_por.pdf;jsessionid=B3D7B349BECB5FD9C445F0CCA23E1392?sequence=4) >. Acesso em: 10 jun 2022.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência**. Doc. A/61/611, Nova Iorque, 13 dez 2006. Disponível em: < <https://www.un.org/development/desa/disabilities/convention-on-the-rights-of-persons-with-disabilities.html> >. Acesso em: 10 jun 2022.

\_\_\_\_\_. **Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH)**. Assembleia Geral das Nações Unidas, Paris, 10 dez [1948] 2009. Disponível em: < <https://nacoesunidas.org/direitoshumanos/declaracao/> >. Acesso em: 10 jun 2022.

SOUZA, Laurindo Pereira de *et al.* Avaliação do Índice de Barthel ao deficiente físico. **Revista Uningá**. Maringá, n. 37, 2013, p. 13-24. Disponível em: < [https://www.mastereditora.com.br/periodico/20131122\\_180430.pdf](https://www.mastereditora.com.br/periodico/20131122_180430.pdf) >. Acesso em: 10 jun 2022.

STEIL, Carlos Alberto; TONIOL, Rodrigo. Ecologia, corpo e espiritualidade: uma etnografia das experiências de caminhada ecológica em um grupo de ecoturistas. **Cad. CRH**. Salvador, v. 24, n. 61, 2011, p. 29-49. Disponível em: < [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-49792011000100003](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-49792011000100003) >. Acesso em: 10 jun 2022.

TEIXEIRA, Luzimar Raimundo. Deficiência física: definição, classificação, causas e características. **Texto de apoio ao curso de especialização Atividade física adaptada e saúde**, 2010. Disponível em: < <http://www.luzimarteixeira.com.br/wp->

content/uploads/2010/05/definicao-e-classificacao-da-deficiencia-fisica.pdf >. Acesso em: 10 jun 2022.

VIANNA, Hermano. **O mundo funk carioca**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

VON DER WEID, Olivia. **Visual é só um dos suportes do sonho: práticas e conhecimentos de vidas com cegueira**. Tese (Doutorado em Antropologia Cultural). Rio de Janeiro: UFRJ/IFCS/PPGSA, 2014. Disponível em: <  
<https://uff.academia.edu/OliviavonderWeid> >. Acesso em: 10 jun 2022.